

# Sociólogo analisou dramas de quem perdeu o emprego



Falência da fábrica de cerâmica Estaco ocorreu em 2001

**Os dramas de quem perdeu o trabalho que acreditava ser “para a vida” e caiu nas incertezas do desemprego são analisados num livro do sociólogo Pedro Araújo, centrado nas experiências dos desempregados da antiga cerâmica Estaco, em Coimbra**

Intitulado “A Tirania do Presente. Do trabalho para a vida às incertezas do desemprego”, o estudo de Pedro Araújo, a lançar em breve, visa «a compreensão das vivências do desemprego e das lógicas de acção desenvolvidas pelos indivíduos para lidar com a privação de emprego».

«O objectivo foi ver a vida por detrás dos números. Estamos habituados a lidar com as estatísticas do desemprego, mas esses números não dizem nada sobre a completa instabilidade e incerteza com que as pessoas [desempregadas] vivem», explicou o autor, que é investigador do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra.

Perante o «boom’ de empresas a fechar em Portugal, como é o caso recente da Delphi, o estudo dá um retrato do que acontece às pessoas depois do encerramento da fábrica», disse à Agência Lusa Pedro Araújo.

A obra do sociólogo, a lançar pela editora Quarteto, centrou-se em pessoas que, quatro anos volvidos sobre a falência da Estaco, ocorrida em 2001, permaneciam ainda em situação de desemprego.

Grande parte destes homens e mulheres entraram para a Estaco ainda muito jovens e encaravam a fábrica como «um emprego para a vida» e uma «segunda casa».

«O tempo de serviço médio das pessoas com quem falei situa-se entre os 20 e os 35 anos. Quando se fala de “trabalho para a vida” é, pois, necessário ter em conta que era com serenidade que as pessoas encaravam esse facto. Ao fim de tantos anos estavam, como diziam, “feitas ao serviço” e isso, ao contrário do que agora nos querem convencer, nada tem de negativo», considerou Pedro Araújo. A idade e a especialização desta mão-de-obra na indústria cerâmica foram alguns dos obstáculos à sua reintegração no mercado de trabalho.

Após a falência da fábrica, em Outubro de 2001, viram-se dependentes de um Estado que encaram como “subprotector”, constatou o sociólogo.

«As pessoas ficam completamente desprovidas de meios para sobreviver e completamente dependentes do Estado, situação inédita para elas, pois estavam habituadas a viver do seu trabalho», acentuou.

**Estaco chegou a empregar um milhão de pessoas**

Na sua perspectiva, esta «dependência relativa do Estado» de ser relativizada: acontece porque não há alternativas, o mercado de trabalho responde muito mal a pessoas com mais de 45 anos».

«Há uma geografia de possibilidades nula. A única hipótese era sair daqui [de Coimbra], adiantou Pedro Araújo, observando que a solução de criar o próprio emprego, com o necessário espírito empreendedor que implica, não se adapta a qualquer pessoa.

Os sentimentos de segurança, conforto e realização inculcados por se trabalhar na Estaco «estão perdidos definitivamente» com o desemprego, acrescentou.

A Estaco, empresa que laborou durante mais de 70 anos na Pedrulha, chegou a empregar mais de um milhão de pessoas, algumas pertencentes à mesma família. Na altura do fecho empregava cerca de 230 pessoas, a maioria das quais se reformou.

Segundo Jorge Vicente, coordenador do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Cerâmica, Cimentos, Construção, Madeiras, Mármore e Similares da Região Centro, 40 dos trabalhadores, na sua maioria mulheres, da antiga Estaco nunca encontraram uma ocupação estável após o fecho da fábrica.

«É um bom trabalho, bem feito, que dá o retrato das pessoas que ali trabalharam», disse à agência Lusa o sindicalista e também antigo trabalhador da Estaco a propósito do livro do investigador do CES.

O livro resulta de uma investigação realizada no âmbito da dissertação de mestrado, apresentada em 2006 à Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.●